

## **Em apenas duas imagens**

Por IGNACIO CARBAJOSA\*

(*La Razon*, 01/03/2013)

Nestes dias em que se está fazendo o balanço de um pontificado, gostaria de me firmar sobre duas imagens que encerram cronologicamente os quase oito anos de magistério de Bento XVI e que têm algo de paradigmático. A primeira imagem vem da visita à sua antiga Universidade de Regensburg, numa das primeiras viagens fora do Vaticano. A segunda está ainda mais fresca na memória: seu primeiro discurso ao Sínodo sobre a Nova Evangelização, em outubro passado. Na primeira, estava cercado pelo mundo acadêmico alemão e se dirigia à razão do Ocidente. Na segunda, estava cercado por cardeais e bispos, e se dirigia a toda a Igreja explicando a natureza da fé. Poderíamos dizer que os nossos olhos estão vendo o fim de uma parábola histórica, que vai de um século XVIII que pretendeu libertar a razão das “cadeias” da fé, até ao epílogo do séc. XX e início do séc. XXI, que viram a razão frágil, pós-moderna, que bate em retirada cedendo espaço para a afirmação da própria razão, sentimento ou direito. E a imagem que fecha esse arco, dando início a um novo período, é a de Bento XVI em meio aos intelectuais alemães enquanto desafia o Ocidente (um Papa!) a recuperar a razão, a “ampliar os seus limites” fazendo explodir a “autolimitação moderna” que reduz o campo da razão ao que é cientificamente mensurável. Todo o discurso do Papa em Regensburg (como acontecerá com os grandes discursos que se seguiram: diante do Bundestag, diante do Parlamento britânico, na Sapienza de Roma, aos Bernardini de Paris) é o exemplo de uma razão dilatada pela fé, capaz de acolher toda a realidade sem censurar nada. E, assim, capaz de um diálogo real. A segunda imagem parece seguir o roteiro das melhores páginas dos *Atos dos Apóstolos*, na qual Pedro se levanta na presença dos seus irmãos para explicar os prodígios que todos haviam assistido. Como Pedro, também Bento XVI se levantou em meio a uma assembleia sinodal que se preparava para discutir sobre métodos e instrumentos, palavras e iniciativas capazes de comunicar a fé. E, para surpresa de todos, indicou Alguém, ali presente: “A primeira palavra, a iniciativa autêntica, a atividade verdadeira, vem de Deus (...) Deus é sempre o início”. Como se dissesse aos seus irmãos bispos: “Fiquem tranquilos. Ele está presente, e essa é a coisa mais interessante que podemos comunicar”. Quantos bispos tiveram que mudar o próprio discurso?

Dois gestos: um, frente ao mundo; e o outro, frente à Igreja. Para ensinar o que é a razão e para mostrar o que é a fé. Dois gestos com uma única origem: a humanidade de Bento XVI ampliada pelo encontro com Cristo. “O Senhor foi grande conosco e estamos contentes”, podemos repetir com o salmista. E de agora em diante? São Paulo nos ensina: “Se Deus está conosco, quem será contra nós?”.

\* *Responsável de Comunhão e Libertação na Espanha*